

DESCREVER UMA EXPERIÊNCIA EDUCATIVA A PARTIR DA ÓTICA DA TEORIA

Apresentar uma experiência escolar costuma transformar-se numa reinterpretação de lugares-comuns, filtrados pela particularidade daqueles que a realizaram. A descrição costuma ser o gênero dominante, e o esquematismo, a porta dos subentendidos que assinalam o que se fez em sala de aula. Mas isso não permite conhecer nem o que aconteceu, nem o processo de tomada de decisões que fez com que o autor ou autores tomassem aquela exata direção na experiência, e não outra qualquer.

O fato de assinalar esse princípio se deve, sobretudo, porque pretendemos introduzir, no estreito âmbito de um texto, o que constitui uma experiência pessoal daqueles que trabalham numa escola, experiências que está marcada pela complexidade das situações vividas, pelas variações (anímicas, cognitivas, de relação) das pessoas participantes e pela duração do trabalho (cinco anos letivos). Mas, além disso, se complementa com as dúvidas, com a reflexão, com as interações, não só com os discentes, mas também com outros docentes e com as diferentes instituições (famílias, especialistas, outras escolas, a Administração), tudo aquilo que cria uma trama de uma riqueza explicativa tal que a restrição do escrito reduz e minimiza.

Tivemos presentes essas limitações ao descrever, como porta-vozes privilegiados, algumas das facetas da experiência educativa da Escola Pompeu Fabra, de Barcelona. Centramo-nos, sobretudo, na tentativa de refletir como se estabeleceram nela a aprendizagem e o ensino. Nos últimos cinco anos. Para isso, tratamos de superar uma mera